

Museu Histórico

de *Caxambu do Sul*

Cartilha de Apoio Didático



Caxambu do Sul - SC, inverno de 2015.

Projeto: Implantação do Museu Histórico de Caxambu do Sul
Edital Mais Museus – IBRAM/MINC

REALIZAÇÃO



Ministério da Cultura
Ministro: Juca Ferreira



Instituto Brasileiro de Museus
Presidente: Carlos Roberto Brandão



Município de Caxambu do Sul
Prefeito: Vilmar Foppa

COORDENAÇÃO TÉCNICA DO PROJETO



Catavento – Gestão e Produção Cultural



Museu Histórico de Caxambu do Sul
Professora Responsável: Thaíse dos Santos
Elaboração e Acompanhamento do projeto: Fernanda Ben

APOIO

Secretaria de Educação e Cultura
Secretário: Elio Vedovatto
Departamento de Cultura
Diretora: Inês Marlene Basso

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação: Carmen Tereza Salvini
Pesquisa: Denise Argenta e Vagner Bozzetto
Redação de textos: Denise Argenta e Maurício Rafael
Ilustrações: Marcos Bettú
Fotografia: Simone Barbieri Nalin
Capa: Vagner Bozzetto
Diagramação e Layout: Vagner Bozzetto
Revisão: Leila Salvini
Coordenação Editorial: Catavento – Gestão e Produção Cultural
Impressão: Schaefer Impressos Ltda.

FICHA CATALOGráfICA

-
- S185e Salvini, Carmem Tereza
Museu histórico de Caxambu do Sul: cartilha de apoio didático / Denise Argenta, Fernanda Ben, Maurício Rafael – Pinhalzinho: Catavento Gestão e Produção Cultural, 2015.
36 p. : il. color.; 26 cm.
Inclui bibliografia
1. Museu Histórico de Caxambu do Sul. 2. Museus Históricos – Brasil. 3. Brasil – Historiografia. I. Edital Mais Museus – IBRAM/MINC II. Título.

CDD 981.0074



MUSEU HISTÓRICO DE CAXAMBU DO SUL

“Museus são casas que conservam e preservam vestígios e sobejos do passado; também são fontes de sonho e de criatividade e pontes que nos conectam com o futuro – um futuro que muitas vezes desperta no passado”.

(IBRAM/MINC, 2005, p. 20).

Localização de Caxambu do Sul no Mapa de Santa Catarina



Fonte: Wikipedia.

-  Rua Heitor José Pizzolatto, 278, Centro
-  (49) 33260270
-  museu.caxambudosul@gmail.com

Sumário

I - NO VELHO XAPECÓ - Um porto caxambu	06
1.1 Viver no sertão	06
1.2 Na volta grande do Rio Uruguai, nasce um novo município: Caxambu do Sul	08
II - UMA NOVA TERRA, UM NOVO COMEÇO: vivências e experiências dos primeiros moradores de Caxambu	11
2.1 Construindo uma nova morada: técnicas construtivas e conhecimentos tradicionais	12
2.2 Alimentos e alimentação: um legado cultural	14
2.3 Artesãos, artesanato e manualidades	16
2.4 Festejos, sociabilidade e lazer	17
2.5 Práticas de cura e cuidado	18
2.6 Causos e lendas dessa terra	19
III - NA VOLTA GRANDE DO RIO URUGUAI - Um rio de memórias da vida e da gente	21
3.1 Na Linha Lageado Bonito: parada, encontro, comércio e armazém de secos e molhados	24
3.2.1 Uma casa, muitas histórias e algumas andanças por Caxambu	26
IV - O MUSEU HISTÓRICO DE CAXAMBU NO CONTEXTO REGIONAL	29
4.1 Para que servem os museus?	29
4.2 A quantas mãos se faz um museu? A implantação do Museu de Caxambu do Sul	29
4.3. O que é patrimônio cultural? Um museu a serviço da memória	31
4.4 Quem ganha com a valorização do nosso patrimônio? Um agradecimento coletivo	31
Referências	32

Caros Amigos!

Abrir as portas deste novo museu é inaugurar uma casa nova muito especial: a casa que guarda os sonhos, as lembranças e as riquezas dos habitantes de Caxambu do Sul. Esta publicação apresenta parte dos resultados do projeto de registro e preservação do patrimônio cultural chamado Implantação do Museu Histórico de Caxambu do Sul.

A proposta foi apresentada pela Prefeitura Municipal de Caxambu do Sul ao Edital Mais Museus, edição 2011, do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC).

As pesquisas referentes ao processo de implantação do Museu tiveram início em meados de 2014, com a finalidade de guardar, manter, preservar, pesquisar e comunicar traços da história e da cultura da localidade e região Oeste catarinense.

O novo museu tem como sede uma casa típica colonial que, originalmente, localizava-se na Linha Lageado Bonito, na zona rural do município. Conhecida como Casa Aumondi em referência ao sobrenome dos proprietários, a edificação abrigou, durante décadas, a família, além de servir como terminal rodoviário de passageiros, bodega e armazém de secos e molhados. Com a inundação da área, por ocasião da Barragem do Foz do Chapecó, a casa foi realocada para o centro da cidade e, desde então, a comunidade aguarda a abertura de suas portas, agora, para abrigar memórias.

A bodega foi importante, e de certa forma também pioneira na região, o museu construído sob esses mesmos alicerces apresenta um minucioso trabalho de reconstrução e manutenção histórica acrescida de elementos modernos, fatos que endossam o também pioneirismo por parte dessa obra. Para melhor compreensão do processo de constituição do museu, nas páginas que seguem você terá oportunidade de saber um pouco mais sobre:

- A formação do oeste catarinense e do Velho Xaçecó;
- Aspectos socioculturais do povoamento e da constituição do município de Caxambu do Sul;
- O patrimônio cultural e as experiências vivenciadas nas primeiras décadas da formação do município de Caxambu do Sul;
- A importância do Museu e a preservação do patrimônio cultural do município nos dias de hoje.

Este material foi desenvolvido pensando em você, estudante e professor que deseja conhecer um pouco mais sobre o patrimônio cultural, a história, os costumes e a cultura do município de Caxambu do Sul e região oeste catarinense.

Almejamos que essa cartilha possa ser um material de apoio didático às atividades do professor e uma fonte de conhecimento, de estímulo à pesquisa e a investigação para você estudante.

Boa Leitura!



I NO VELHO XAPECÓ

Um porto Caxambu

1.1 Viver no sertão

Muito tempo antes da criação do município de Chapecó, em 1917, a região oeste catarinense era tida como *sertão*. Um vasto território que abrigava os povos indígenas Kaingang e Guarani há, pelo menos, cinco séculos e, mais recentemente, desde o século XVIII, também passou a ser morada da população que hoje denominamos *caboclos* ou *brasileiros*.

Você sabia?

O professor Jaci Poli (1995), em sua análise da ocupação populacional da região oeste catarinense, identifica as seguintes fases:

- Fase Indígena: até meados do século XIX;
- Fase Cabocla: que se mistura à fase indígena e a sucede;
- Fase de Colonização: marcada pela chegada de migrantes gaúchos descendentes de diversas etnias.

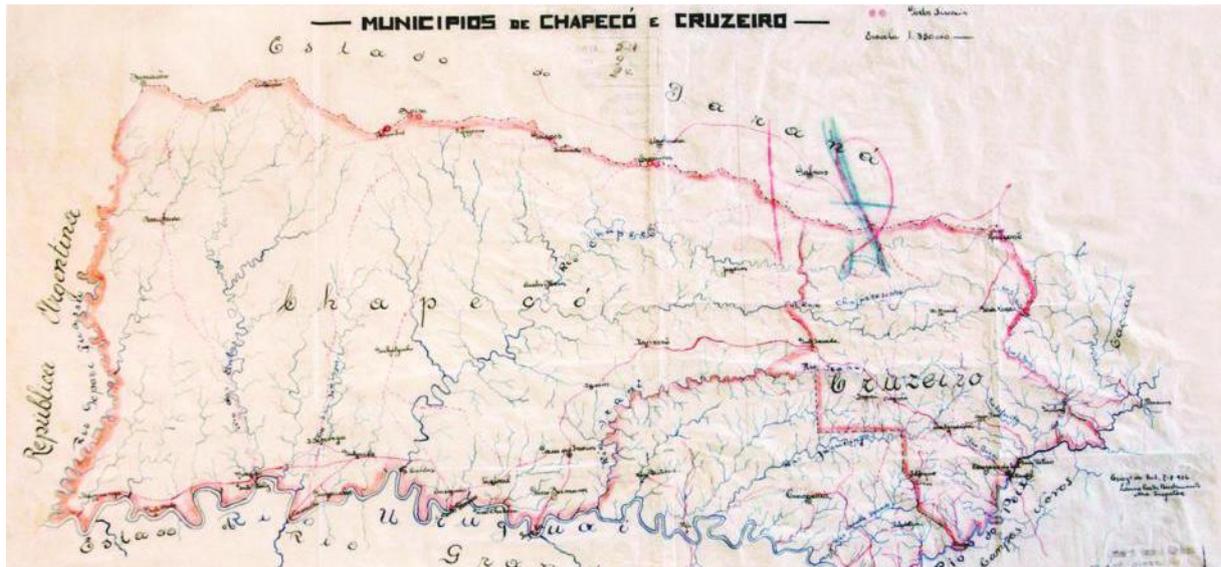
Caboclo ou Brasileiro?

Ambos os termos remetem ao mesmo grupo étnico. A diferença é que, no período de colonização, caboclo era a forma como os colonos designavam essa população. Enquanto o próprio grupo se autodenominava brasileiro. Durante muito tempo, o termo “caboclo” foi considerado pejorativo. Atualmente, é motivo de orgulho entre a população dessa etnia e é possível observar significativo movimento de afirmação identitária em torno do “ser caboclo” no oeste catarinense.¹

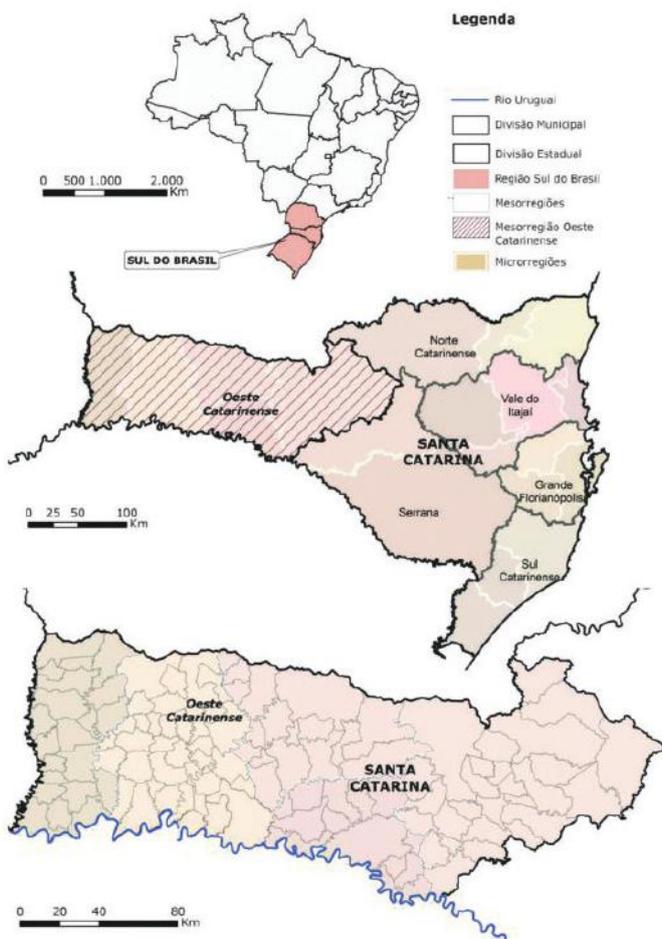
A Lei Estadual n. 1.147, de 25 de agosto de 1917 cria o município de Chapecó. O novo município ocupava uma área de cerca de 14 mil quilômetros quadrados e estendia-se desde o Rio do Peixe até a fronteira com Argentina.

A figura da página seguinte reproduz um mapa datado de 1936, demonstrando o território dos municípios de Chapecó e Cruzeiro (atual Joaçaba).

¹ ARGENTA, Denise et al. *Onde Nasce Nossa Identidade*. Cartilha de apoio didático do projeto Registrando saberes: o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas à cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2012.



Mapa localizando os municípios de Chapecó e Cruzeiro. Fonte: Companhia Colonizadora Bertaso, 1936. Acervo CEOM/Unochapecó.



Pesquise Mais!

Antes do processo de colonização oficial, a região oeste catarinense, vivenciou inúmeros conflitos e disputas territoriais. Dentre estes, se destacam a Questão de Palmas (Século XIX), envolvendo Brasil e Argentina, e a Guerra do Contestado (Século XX), entre Paraná e Santa Catarina.

Que tal pesquisar mais a respeito e descobrir as razões dos dois conflitos e seus resultados? Aventure-se por essa pesquisa e procure investigar a relação entre eles e a história da formação da região oeste catarinense. Boa Pesquisa!

Localização da região Oeste Catarinense, em relação ao Estado de Santa Catarina. Fonte: Mirian Carbonera, 2011.

No processo de colonização oficial da região, a atuação das **Companhias Colonizadoras** foi determinante. Cerca de 20 destas Companhias atuaram na região. Confira no quadro, a lista das principais e suas respectivas áreas de origem e atuação.

Empresas privadas que realizaram o loteamento e a comercialização de porções territoriais da região.

COLONIZADORA	SEDE	ÁREA DE ATUAÇÃO
Brazil Development and Colonization Company	Portland (EUA)	Cruzeiro/Joaçaba e Chapecó
Empresa Colonizadora Luce, Rosa e Cia	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/Joaçaba e Concórdia
Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	Chapecó - sede e outras áreas
Companhia Territorial Sul Brasil	Rio Grande do Sul	Chapecó (Extremo Oeste)
Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia. (H. Hacker e Cia)	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/ Joaçaba
Empresa Chapecó – Peperi Ltda.	Rio Grande do Sul	Chapecó – Mondai
Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Chapecó – Colônia Porto Novo/ Itapiranga
Barth, Beneti & Cia. Ltda. (Barth, Annoni & Cia Ltda.)	Rio Grande do Sul	Chapecó e região de São Miguel do Oeste
Angelo di Cali, Irmãos e Cia	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Nardi, Bizzo, Simon & Cia	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Irmãos Lunardi	Rio Grande do Sul	Chapecó
Empresa Povoadora e Pastoril Theodore Capelle	São Paulo	Cruzeiro/Joaçaba e Concórdia

Fonte: Colonizadoras com negócios no Oeste de Santa Catarina (NODARI, 2009, p. 37).

Com o passar dos anos, os antigos municípios de Cruzeiro e Chapecó, criados em 1917, sofreram desdobramentos posteriores, originando a atual divisão geopolítica da região oeste catarinense. A primeira grande leva de emancipações de municípios ocorreu entre os anos finais da década de 1950 e o início da década de 1960, e deu origem à maioria dos municípios da região. A criação do município de Caxambu do Sul, data desse período e teve sua emancipação outorgada pela Lei Estadual nº 866 de 14 de dezembro de 1962.

1.2 Na volta grande do Rio Uruguai, nasce um novo município: Caxambu do Sul

Os primeiros registros de ocupação colonial da região que, mais tarde, viria a ser o município de Caxambu do Sul, indicam que colonos italianos de origem italiana eram a maioria. Em menor número, descendentes de poloneses e alemães também juntaram-se a caboclos e remanescentes de povos indígenas para construir o município tal como o conhecemos hoje.

Você sabia?

A palavra Caxambu pode significar, segundo o escritor Albano Gilioli, do ponto de vista etimológico:

- Do vernáculo africano *cacha* = tambor + *umbu* = música. Ou seja, Caxambu seria *tambor que produz música*;

- Do vernáculo indígena *Caa* = mato + *xa* = ver + *umbu* = riacho. A junção dessas palavras poderia resultar na expressão: *mato que vê riacho*.

Fonte: GILIOLI, Albano. História de Caxambu do Sul. Caxambu do Sul: Edição do Autor, 1967.



Relatos de antigos moradores, compilados por Gilioli (1967), indicam que quem nomeou Caxambu foi o colono Joaquim Elias de Castro, ao chegar à localidade em 1893. Ainda de acordo com esse relato, Castro veio acompanhado da família e alguns empregados – escravos alforriados – em fuga dos *revolucionários federalistas*, que haviam invadido sua fazenda Caxambu em Palmeiras das Missões, no Estado do Rio Grande do Sul.

Contando causos!

Quando Joaquim Elias de Castro chegou na localidade, já residiam famílias de brasileiros: os Botelho Pinto, os Padilha, os Felles, os da Luz, os Loureiro de Mello, os Lajús, os Teixeira da Rosa, os Rolin de Moura, os do Amaral, os Paz, os Rodrigues de Quadros e os Baldo. Joaquim Elias de Castro, visitou as famílias, se apresentando aos moradores do lugar, um costume que perdurou por gerações. Com o passar dos tempos, foram se conhecendo melhor e reuniram-se, certa vez, na casa de Joaquim para escolher um nome, *batizar a localidade*. Joaquim descreveu com emoção e sentimento a história da ocupação da sua antiga morada, a *Fazenda Caxambu*, pelas tropas federalistas e a fuga da família e empregados. Movidos pela emoção do relato, os participantes do encontro apoiaram a escolha do nome do lugar de *Caxambu*.

Assim rezava o batismo da localidade:

- “Em meu nome e em nome desde povo aqui reunido, eu, Joaquim Elias de Castro, te batizo com o nome de CAXAMBU, que serás assim chamado por nós e nossos pósteros e o teu nome não te será mudado.”

A cerimônia de batismo foi encerrada com a reza do terço puxado por um escravo liberto e intercalado por cânticos sacros e cânticos de ex-escravos.

Um dos cânticos que impressionou os presentes à cerimônia:

Nosso povo é preto
Deus lhe deu coragem
Feito a sua imagem
Para um sai vencer

Mil graças vos damos
Princesa Isabel
Que com seu anel
Ficou para sempre selada
Nossa libertação

Conta-se que a cerimônia de batizado acabou em festa, com *suculento churrasco regado com a tradicional cachaça, trazida em porungos*, do alambique de João Batista Lajús. De vez em quando era levado um brinde ao idealizador desta festa, bem como vivas ao Caxambu. A festa continuou a noite toda com um baile, animado por uma viola. (GILIOLI, 1967, p. 09-10)

porungo, porongo ou *cabaça*: vasilhame resultante do fruto seco e curtido de planta conhecida pelo nome científico de *Lagenária Siceraria*, muito utilizado ainda hoje no sul do Brasil como matéria prima para a produção de cuias de chimarrão



Você já ouviu falar dos *maragatos* e dos *chimangos*, grupos do Rio Grande do Sul que combateram-se durante a conhecida Revolução Federalista que ocorreu oficialmente de 1893 a 1895? Procure descobrir quem eram *maragatos* e *chimangos* e quais foram as causas da revolução e suas consequências.

Saiba
mais!

Em vista das condições de insegurança gerados principalmente pelos conflitos e pelo esgotamento da fronteira agrícola no Rio Grande do Sul, a professora Maria Mercedes Minetto relata, no livro “Caxambu do Sul, um passado lindo”, publicado em 1987, que várias famílias oriundas do Estado gaúcho – Guaporé, Antônio Prado, Garibaldi, Erechim, Nonoai, Montenegro, Estrela, Não-me-toque, Lageado, Carazinho – chegaram no local conhecido como Caxambu, formando comunidades como a Linha Barra Bonita, Linha Loureiro, Linha Lamedor e Linha Laranjeira. Após a criação do município de Chapecó, a localidade de Caxambu ganha status de Distrito municipal, regulamentado pela Lei Municipal n. 21 de 25 de abril de 1919.

Você
sabia?

A porção territorial que corresponde ao município de Caxambu do Sul se localiza numa área de 140,6 km². Caxambu do Sul é vizinho dos municípios catarinenses Planalto Alegre, Águas de Chapecó, Guatambu e do município gaúcho, Rio dos Índios. A criação oficial do município de Caxambu do Sul ocorreu no dia 14 de dezembro de 1962, regulamentado pela Lei Estadual n. 866.

II UMA NOVA TERRA, UM NOVO COMEÇO: vivências e experiências dos primeiros moradores de Caxambu

Ao final da Guerra do Contestado que se estendeu de 1914 a 1916, a localidade de Caxambu, até então sob jurisdição do município de Palmas-PR, passou a fazer parte do Estado de Santa Catarina. No ano de 1919, o colonizador Jeronimo Vargas recebeu, do então governador Hercílio Luz, a concessão das terras em que se localiza Caxambu. (GILIOLI, 1967). A prática estatal de conceder terras à civis como estratégia para estimular o povoamento oficial da região era bastante comum na época, em toda a região oeste catarinense.

O processo de colonização oficial trouxe consigo um impasse aos antigos moradores do território. Às famílias de brasileiros e comunidades indígenas, foram ofertadas duas opções: ou aquisição de um lote de terras de acordo com as diretrizes oficiais ou, desocupação da área, que seria loteada e vendida aos novos colonos. A fim de fiscalizar os processos relativos à comercialização e ocupação das glebas territoriais concedidas com fins de colonização, o Estado criou as Inspetorias de Terras e Colonização e, a localidade de Caxambu, abrigou a 6ª do gênero.

O impulso ao processo de colonização da localidade e região, fomentou a vinda de famílias gaúchas descendentes de alemães, poloneses e italianos, em sua maioria motivados pelo preço acessível da terra e pela intensa propaganda, que destacava a produtividade do solo, os recursos hídricos e a vasta mata.

Nesse cenário, vários grupos se lançaram à busca de uma nova morada em terras além do Rio Uruguai, numa época em que a mata densa, a diversa flora e fauna predominavam no oeste catarinense, não existindo estradas, tampouco pontes e balsas. As primeiras famílias que chegaram ao local denominado Caxambu, vivenciaram desafios e experiências que foram comuns à maioria das pessoas que migraram do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Os relatos dos primeiros moradores, registrados no livro de Albano Gilioli (1967), demonstram que, durante a viagem

de mudança, pessoas e animais de pequeno porte andavam a pé, ficando as carroças e os cargueiros reservados a crianças, idosos e pertences da família.

Não raro, para seguir adiante, os viajantes precisavam abrir a própria estrada, com foices e machados. Outro fator relevante eram as condições climáticas, cuja intensidade poderia interferir diretamente na duração da viagem. Como a maioria das famílias vinham do Rio Grande do Sul, a passagem do Rio Uruguai era obrigatória. Atravessar o rio, no início do século XX era um desafio, já que não existiam pontes e, frequentemente, a travessia era feita em jangadas e balsas ou, no caso de animais, até mesmo a nado.



Segundo os relatos dos primeiros moradores de Caxambu, durante a viagem de mudança as famílias – que saíam do Rio Grande do Sul rumo ao Paraná, que passou a ser Caxambu – traziam um pouco de tudo: roupas e fazendas, ferramentas como foices, machados, enxadas, serrotes e serras para desdobrar madeira, enxó para escavar gamelas e canoas; armas e munição para caça; além de mantimentos, sal e querosene.

Saiba
mais!

Pesquise mais!

Que tal investigar, junto à sua família ou no Museu Histórico, que instrumentos de trabalho do século passado atualmente estão guardados, sem uso.

Escolha um desses objetos e procure descobrir sua história: como era utilizado, quem o utilizava, que produtos resultavam do seu uso... ao coletar essas informações, você estará aprendendo mais sobre as formas de trabalho nos primeiros tempos da formação de Caxambu!

2.1 Construindo uma nova morada: técnicas construtivas e conhecimentos tradicionais

Os novos moradores principiaram intensas mudanças na paisagem local. Uma das primeiras ações dos migrantes ao se abrigarem na nova propriedade era a derrubada da mata para cultivo da terra e construção da nova morada. A floresta representava, ao mesmo tempo, uma ameaça e um meio de sustento: dali provinham os animais selvagens, mas também, a caça, a madeira para a construção das moradias e para comercialização.

Os barrotes eram serrados com serrote, a muque [manualmente]. Pegavam grápia e faziam as torinhas do tamanho de uma tabuinha pra cobrir a casa. [...] Tinha uma cunha de ferro pesada, e com marreta de madeira pesada, aí eles batiam em cima daquela tora, e ela partia. [...] E depois era tudo emparelhado, com 2 preguinhos em cada, pra enganchar nas ripas lá em cima [telhado], pra não entrar chuva. Isso eu lembro bem, porque eu também ajudava a fazer. (Dinorah Caon Brighenti)

Construir a habitação naqueles primeiros tempos de colonização era algo singular e desafiador, pois os materiais e as ferramentas eram escassas, usava-se o que se “tinha à mão”: madeira bruta ou lascada, o chão de terra batida, o telhado em madeira lascada – as famosas tabuinhas. Embora rudimentares, as casas e comércio dessa época eram suficientemente resistentes e davam conta de atender as necessidades das pessoas.

Pesquise mais!

Aproveite uma visita ao Museu e investigue imagens fotográficas ou objetos em exposição. Use o roteiro de perguntas abaixo para desenvolver sua pesquisa:

- Qual a história desse objeto? Por que ele é importante? A quem pertenceu? Quantos anos têm? Como era usado?

- Em que local foi feita essa fotografia? Quem apareceu na foto? Quem foi o fotógrafo? Qual é a história dessa fotografia?

Você também pode realizar essa pesquisa no acervo da sua família. Nesse caso, pergunte aos seus pais, avós ou tios a respeito de fotografias e objetos antigos. Anote e fotografe suas descobertas e, depois, que tal reunir os colegas e elaborar um catálogo de objetos e de fotografias, com as imagens que vocês produzirem e as informações que cada um pesquisou?²

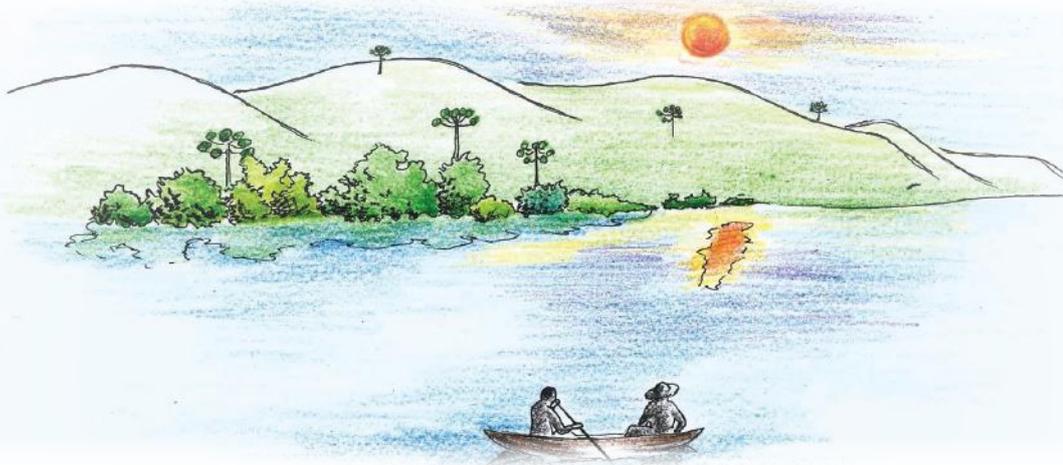
Contando Causos

Você já ouviu falar em Dona Sinhana Botelha? Pois Dona Sinhana era conhecida nas redondezas por sua coragem e destemor. Sua importância era tanta que, ao aportar na localidade, o colonizador Joaquim Elias de Castro foi logo visitar a viúva de Botelho Pinto, em Linha Laranjeira. As memórias locais sobre Dona Sinhana retratam uma mulher “de cor preta, valente e destemida, como se costumava dizer: de revolver na cintura e faca na bota. Era sempre a primeira na vanguarda a enfrentar qualquer perigo ou peripécia. Era craque na caça da onça ou tigre. Tinha cachorros fiéis e adestrados para este fim, como também para outras caças” (GILIOLI, 1967).



² ARGENTA, Denise et al. *50 Anos depois*. Inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2014.

2.2 Alimentos e alimentação: um legado cultural



Nos primeiros tempos, enquanto a lavoura não produzia os produtos cultivados, os alimentos eram oriundos da caça e da pesca, já que existia abundância de animais nas florestas de antigamente – pacas, antas, porco do mato, tatetos, veados eram as caças mais comuns. Também era habitual entre as famílias que residiam próximo à margem do Rio Uruguai, derrubar um cedro, que escavado com o enxó, se transformava em canoa ou bote usado nas viagens e pescarias nas águas do rio Uruguai.

Pesca, isso aí era abundante. Pesca também, não tinha perdê a viagem. Nós tinha o Rio Uruguai meio perto. O finado pai dizia, vocês ficam por ali, que eu vo pescá. Ma ele vinha com um baldinho, que tinha um baldinho assim além do cepo, cheio de peixe. Mas era a vivência, era caça e pesca, por que vai fazê o que? Não tinha outra... (Valdecir Ceccon)

Pesquise mais!

Mais que espaço de preparo dos alimentos, a cozinha era o local que centrava o convívio familiar, enriquecido com conversas que aconteciam ao pé do fogo. A cozinha guardava o segredo das misturas e receitas de uma culinária que apreciava desde cereais e vegetais, até um vasto cardápio de carnes. Também era o espaço em que se difundiam saberes e técnicas ancestrais de conservação dos alimentos numa época em que eletrodomésticos como refrigerador sequer existiam.³

Pesquise com a mamãe receitas que ela aprendeu com a vovó. Escolha uma, escreva os ingredientes e o modo de fazer, para apresentar aos seus colegas.

³ ARGENTA, Denise et al. *50 Anos depois*. Inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2014.

Dentre as fontes alimentares abundantes na época, o milho foi o cereal mais explorado em sua diversidade gastronômica, e também, o mais consumido, pois, do milho se fazia a quirelinha, o pão de milho também conhecido por broa, a farinha de biju, incrementava o virado de feijão, bem como, era fonte primária para fazer polenta. Esses alimentos eram chamados de *alimentos grosseiros*, porque eram considerados alimentos que geravam energia para o intenso trabalho manual. O processo de preparo era envolvido por um saber/fazer que se iniciava desde a colheita dos grãos até a confecção dos utensílios para a moagem (como por exemplo, o pilão, que consiste em uma tora de madeira, com uma cavidade na parte superior, acrescida de um bastão denominado, popularmente, “mão de pilão”) ou para o cozimento.

Saiba mais!



A polenta, iguaria aliménticia que foi responsável pela aproximação e socialização de diferentes famílias e grupos no município de Caxambu do Sul, teve sua difusão e inclusão como um prato do dia-a-dia principalmente com a chegada de descendentes de italianos e alemães e a instalação de moinhos. Pois, para produzir a farinha que é a base do prato, os grãos de milho precisam ser moídos por uma espécie de engenho, que em seu princípio era tocado por tração hidráulica (através das águas dos rios e riachos da região). Assim, os moinhos representaram um momento importante na história, tanto por trazer uma nova tecnologia de moagem dos grãos, quanto por difundir novas formas de aproveitamento desses grãos nas receitas culinárias.

Para pensar!

A pesquisadora Susana Inez Bleil no texto *O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil* (1998) referencia vários autores demonstrando que a escolha do alimento revela muitas vezes a que grupo se deseja pertencer, seja este social, étnico ou de idade. Os gostos são construídos de acordo com o que a cultura estabelece como aceitável. Na Idade Média, por exemplo, os mais diferentes tipos de carne vinham à mesa de forma a manter a peça inteira. Hoje percebe-se uma resistência a tudo que possa lembrar o animal. Ellen Messer lembra que os gostos são transmitidos como parte de uma cozinha cultural. Claude Lévi-Strauss foi o autor da ideia que “o alimento deve ser não só *bon à manger* mas também *bon à penser*: isto é, não só biológica, mas também culturalmente comestível”. Segundo ele, “a cozinha de uma sociedade é a linguagem na qual ela traduz inconscientemente sua estrutura” e, “[...] quando descobrimos onde, quando e com quem os alimentos são consumidos, estamos em condições de deduzir, ao menos parcialmente, o conjunto das relações sociais que prevalecem dentro de uma sociedade”.

2.3 Artesãos, artesanato e manualidades



O trabalho foi um dos valores norteadores da vida de famílias atraídas à região pelo processo de colonização. Com frequência, as narrativas dos moradores mais antigos, destacam as dificuldades da vida e a constância do trabalho pesado necessário à instalação da família no novo espaço. Porém, para além do trabalho agrícola e doméstico, o conhecimento e as habilidades envolvidas na produção artesanal de ferramentas, utensílios, vestuário, adornos e outros acessórios, representava uma valorosa contribuição à melhoria da vida cotidiana.

Além disso, o artesanato cumpriu, desde os primeiros tempos da colonização, duas funções distintas: função social, ao representar um importante elo de aproximação entre as pessoas; e função cultural, ao repassar às gerações mais jovens *saberes e fazeres*, dando continuidade aos hábitos e costumes de cada família. Um exemplo típico disso são os objetos elaborados a partir das palhas de trigo e milho, cuja técnica é preservada e transmitida ainda nos dias atuais.

As nonas ficavam sentadas com as palhas, trançando as palhas, fazendo as esporta e eu sentada aprendi a fazer o crochê sozinha. A gente sentava no porão com as nonas, paninho pra recortar e aprendia a fazer. (Dirlei Rossetto)

De acordo com o professor e pesquisador João Paulo Tedesco (2006, p. 227): “[...] falar em artesanato é, no mínimo, correlacionar tempos, culturas e contatos; é ter presente elementos que são apreendidos, acrescidos, intercambiados e enriquecidos com o contato cotidiano inter e intra-étnico, com heranças europeias, formas e traços culturais produzidos pela relação ambiental e social no contexto do vivido [...]”.

Saiba
mais!

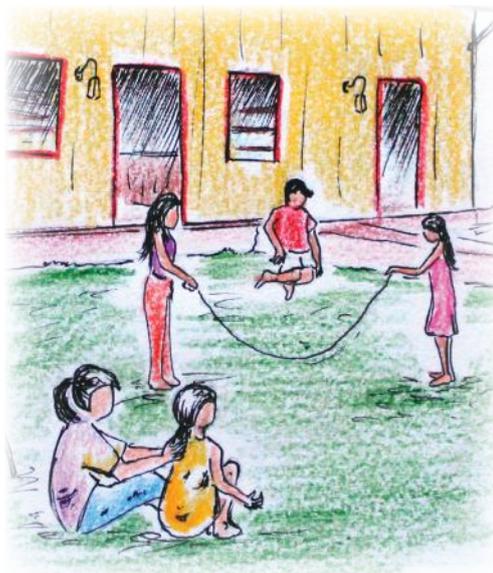
Tão certo como afirmar que todas as famílias possuíam artesãos é que em todas as residências havia costureiras. Em termos de vestuário, poucas coisas eram ofertadas no comércio, o que obrigava as famílias a produzir suas próprias roupas.

2.4. Festejos, sociabilidade e lazer

Nessa época, era muito comum reservar a melhor roupa para uso em dias especiais, dias de festa. Assim como as práticas artesanais, os momentos de lazer por meio das festividades também assumiam delineamentos peculiares de cada grupo ou região e, sobretudo, eram momentos de encontro, alegria e descontração.

Antigamente era comum as crianças trabalharem em atividades similares às dos adultos. Mas, nos momentos em que lazer e brincadeiras eram permitidos, as crianças aproveitavam para explorar a natureza. Eram comuns brincadeiras ao ar livre, subir em árvores, nadar em rios e córregos. Via de regra, os brinquedos eram improvisados ou artesanais e produzir o próprio brinquedo podia até ser parte da brincadeira!

Nós brincava de deslizar com folhas de coqueiro, morro abaixo nos poteiros. Brinquedo a gente não tinha. Pros guris os brinquedos era a tábua com rodinha, fazia os carrinhos. Fazia Cinco Marias fazia com caroço de pêssegos ou com saquinhos – costurava os saquinhos que nós enchia com trigo, feijão, milho, fazia peteca com palha de milho e pena de galinha. O jogo de peteca era bem gostoso! Nos divertíamos assim! Brinquedos comprados, não tinha pra vender. (Olga Codogno)



Pesquise mais!

Você sabia que, atualmente, a indústria de brinquedos é uma das mais poderosas do mundo? E ela não domina apenas a área de brinquedos, mas influencia também na alimentação, no entretenimento e até no comportamento das crianças. Dentre os prejuízos causados pela padronização de brinquedos e brincadeiras estão a perda dos referenciais tradicionais, do contato entre gerações e enfraquecimento das heranças de identidade e memória de cada comunidade e região.

Que tal aprender a produzir brinquedos e a brincar brincadeiras dos tempos dos nossos avós e bisavós e transformar a sua turma e a sua aula em uma oficina de brincar? Basta cada um aprender uma brincadeira ou produzir um brinquedo com a ajuda de vovôs, tios e outros familiares. Depois, combinar com a professora um momento para compartilhar o aprendizado e brincar juntos.

2.5 Práticas de cura e cuidado

A medicina como a conhecemos nos dias de hoje, é uma invenção recente. Até os anos 1950 na região oeste catarinense, era muito raro visitar hospitais, as farmácias não existiam e os remédios eram basicamente compostos e preparados naturais, à base de plantas.

Naqueles tempos, as pessoas que sabiam manipular ervas e preparar xaropes e pomadas caseiras geralmente era requisitado para remediar as enfermidades. Segundo relatos de Albano Gilioli (1967, p. 25), o senhor José Loureiro de Mello tinha em casa “uma organizada botica de remédios homeopáticos” e sempre que requisitado “fornecia remédios aos necessitados”.



Você sabia?

O sistema de saúde pública, como o conhecemos hoje em dia, surgiu muito recentemente. Porém, as comunidades indígenas já dominavam o cultivo de determinadas plantas e conheciam suas propriedades medicinais. Esses conhecimentos eram aliados à observação do cotidiano, e à ritualização de práticas destinadas a aumentar a potência do remédio ou acelerar seu efeito. Os primeiros europeus a chegar à região aprenderam e ressignificaram esses saberes, incorporando-os ao seu dia a dia e acrescentando rezas, de acordo com suas crenças religiosas e em seu próprio idioma – em geral o português ou, mais raramente, o espanhol.⁴

Esses conhecimentos de cura por meio do cultivo e manipulação das plantas e o conhecimento específico de cada uma e seu uso medicinal constituíam uma tradição transmitida geração após geração. Da mesma forma, as simpatias e benzimentos também eram práticas comuns de cura, que necessitavam de saberes específicos, herdados dos mais velhos. As pessoas que realizavam esses “trabalhos de cura” eram chamadas de benzedores ou benzedoras e/ou curandor e curandeira.

⁴ SALVINI, Carmen Tereza et al. *No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedoras do oeste de Santa Catarina*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2013.

Benedores, benedeiras, curadores, curandeiras. Uma mesma pessoa pode acumular ambas as funções ou ser prático em apenas uma delas. Em geral, benedor ou benedeira diz respeito ao homem ou a mulher que promovem a cura a partir de práticas ritualizadas que envolvem orações e simpatias. Já o curador ou a curandeira são aqueles que, após ouvir as queixas do enfermo, preparam e receitam combinados de ervas, recomendando seu consumo de determinada forma e por tempo específico. É muito frequente que o benedor seja também um curador e, em muitos casos, os curadores cultivam as próprias ervas. Trata-se de conhecimentos transmitidos oralmente e, frequentemente, as origens de muitos dos saberes se perderam no tempo, remontando aos povos indígenas que habitavam a região quando da chegada dos primeiros europeus.⁵

Saiba
mais!

2.6 Causos e lendas dessa terra

A fronteira entre lendas e histórias tende a se perder no tempo. Toda localidade preserva um repertório de histórias fantásticas, causos, lendas e crenças que fazem parte do imaginário popular do lugar. Em Caxambu, os antigos moradores relatam histórias que fazem parte do folclore regional, como a “Mãe do Ouro”, o “Gritador”, as “almas penadas” – que só desapareciam com a reza de missas – e os “tesouros” – que jamais foram encontrados.

Conta a história que vivia escondido nas matas de Caxambu *O Gritador*, uma espécie de barulho em forma de gritos ou risadas que eram ouvidas, saindo de dentro da mata. Reza a lenda que, se a pessoa se assustasse do som e corresse, o ruído o perseguia, aterrorizando o vivente! (Albano Gilioli, 1967)



⁵ SALVINI, Carmen Tereza et al. *No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benedores e benedeiras do oeste de Santa Catarina*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2013.

Você conhece a história da “Mãe de ouro?”

É uma personagem que faz parte do folclore brasileiro e é muito popular principalmente nas regiões nordeste e sudeste. Como todo o folclore, não existe somente uma única história sobre a Mãe de ouro, mas uma dessas histórias que nos contaram, é que a Mãe de ouro tem a aparência de uma linda mulher loira, com cabelos compridos e dourados que refletem a luz do sol. Em algumas regiões, como é o caso dos relatos registrados em Caxambu do Sul, a Mãe de ouro é também representada por uma bola de fogo que tem a capacidade de se transformar nesta linda mulher. A Mãe de ouro é conhecida como protetora da natureza, especialmente dos jazidos de ouro, pois, acredita-se que ela tem a capacidade de voar, e assim, consegue identificar os depósitos naturais de ouro que não devem ser explorados pelo homem. Outra forma de proteção da Mãe de ouro é com as mulheres que são maltratadas pelos maridos, como contam os causos, a Mãe de ouro atrairia homens casados para uma caverna, libertando assim as esposas destes maridos e colocando no caminho delas homens bons. Especulamos que esta lenda do folclore brasileiro surgiu, provavelmente, no auge da época do Ciclo do Ouro (século XVIII), nas regiões auríferas (Minas Gerais, Goiás e Bahia).

Quando a lenda destrói o tesouro

Você já ouviu falar na morada do arco-íris? Pois Caxambu guarda interessantes vestígios geológicos e arqueológicos.

Um dos sítios mais famosos se localiza às margens do Rio Uruguai na região conhecida como Volta Grande, no interior do município. Trata-se de uma curiosa formação geológica que, pelo tipo de rocha, conhecida popularmente como “pedra-ferro”, dá origem à estruturas que lembram “marcos” ou seja, estacas em pedra uniformemente dispostas no solo. Por sua forma diferente, o local alimentou ao longo do tempo muitas histórias, todas na tentativa de explicar a singularidade do lugar.

Uma das histórias mais comuns motivou uma equipe de exploradores a realizar intervenções no local, descaracterizando a área e destruindo importantes vestígios arqueológicos em busca de um suposto tesouro. Ora, o tesouro era justamente o lugar, com sua formação diferente e sua beleza natural!

Anos mais tarde, pesquisadores da Unochapecó, com autorização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, realizaram pesquisas científicas na região e descobriram importantes vestígios arqueológicos datados de pelo menos 600 anos atrás! Dessa vez, as pesquisas procuraram preservar esses vestígios e seu local de origem.

Os vestígios geológicos e arqueológicos não tem valor comercial. Além disso, como são parte do patrimônio cultural brasileiro, são considerados bens nacionais. Portanto, alterar ou destruir esses locais é considerado crime federal.

O que fazer em caso de descoberta de um sítio arqueológico ou de alguma formação geológica diferente? Entre em contato com uma universidade ou museu mais próximo. No Oeste Catarinense, a instituição responsável por monitorar, fiscalizar e pesquisar os sítios arqueológicos da região é o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM, da Unochapecó.

**Saiba
mais!**

III

NA VOLTA GRANDE DO RIO URUGUAI

Um rio de memórias da vida e da gente



Balsa no Rio Uruguai, por volta da década de 1940. Foto: Acervo CEOM/Unochapecó.

Entre o final do século XIX e início do século XX, as atividades econômicas centrais em Caxambu visavam essencialmente a subsistência da comunidade. Os raros excedentes eram comercializados no município de Nonoai-RS ou na Vila de Passo Bormann, hoje Distrito de Marechal Bormann, em Chapecó-SC.

Os principais cultivos agrícolas à época eram milho, feijão e cana de açúcar, além da criação de suínos. A comercialização era em forma de escambo, ou seja, trocavam-se produtos como rapadura, melado, açúcar mascavo, ovos, milho, feijão, por sal, querosene e tecidos.

Com o passar dos anos, engenhos, alambiques, madeiras, moinhos de farinha de milho e trigo e as primeiras casas de comércio foram surgindo e modificando o cenário de comunidades do interior e da vila de Caxambu do Sul. As mercadorias industrializadas que abasteciam as casas comerciais, geralmente eram compradas na Argentina, onde era vendida a madeira das balsas transportadas pelo Rio Uruguai. Segundo Gilioli (1967), os antigos moradores desciam com as balsas de madeira e voltavam da Argentina com a canoa carregada de mercadorias, para serem comercializadas nas casas comerciais de Caxambu do Sul, ou em pontos de comércio do Rio Grande do Sul.

Contando Causos!

As primeiras casas comerciais se estabeleceram por volta dos anos 1910, onde hoje esta localizada a cidade de Caxambu. Até a década de 1920 era comum a produção e comercialização do açúcar mascavo, melado e rapadura. Os comerciantes locais compravam e revendiam esses produtos em pontos de comércio de Nonoai-RS, de onde traziam sal, sabão, erva mate, café e tecidos para revender nas casas de comércio de Caxambu.

Naquele tempo, as mercadorias eram transportadas do Rio Grande do Sul em lombo de mulas e atravessavam o rio a bordo da barca, localizada no Porto Franco – cujo nome homenageia José Franco, primeiro proprietário. A localização do porto coincide com as proximidades do local onde Joaquim Elias de Castro fez a travessia do rio, rumando a Caxambu, em meados da década de 1890.

No Porto, um guarda fiscal estadual cobrava tributos e fiscalizava a exportação da madeira. Na época existia também um engenho de aguardente, pertencente à família de João Batista Lajús e, provavelmente, além de ponto comercial era também um local frequentado pelos apreciadores da popular cachaça (adaptado de GILIOLI, 1967).



Você sabia?

Na região de Caxambu, o leito do Rio Uruguai abrigava pequenas ilhas. Uma delas, segundo relatos, era a Ilha da Rapadura, habitada pela família de Vitorino Boaventura da Silva. Décadas depois, foi ocupada pela família Mates, uma das pioneiras no plantio e comercialização de melancias, cultivadas na ilha e nas margens do Rio Uruguai, desde o início da década de 1990. Atualmente, Caxambu do Sul é considerada a Capital Estadual da Melancia, regulamentada pela Lei nº 11.749, de 11 de junho de 2001.

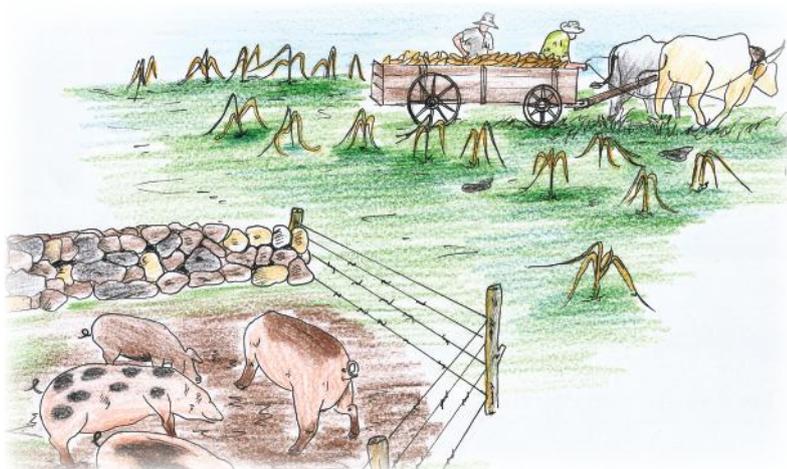
Nas ilhas tinha até gente morando, inclusive a plantação de melancia começou naquela ilha. Naquela época era tudo manual, limpar a terra, plantar, isso começou com o Antônio Mates que morava na Ilha. Na ilha tinha animais e tinha de tudo. (Olga Codogno)

Também criavam animais, galinhas, suínos, muares e bovinos de leite, corte e para o transporte das pessoas, produtos e mercadorias. Plantavam milho, feijão, arroz, trigo, batata, mandioca, para comercialização e subsistência da família. Nesse cenário não poderia faltar a horta com as plantações de verduras e legumes, o pomar de plantas frutíferas distribuídas no entorno da moradia e, nas famílias de origem italiana, o parreiral para produção artesanal do vinho e vinagre para consumo da família.

Uma das maiores diferenças de práticas dos tempos da colonização para as práticas atuais, recaí sob os aspectos da subsistência na alimentação. Antigamente todas as famílias produziam seus alimentos de maneira artesanal e tinham – nem que fosse – uma pequena criação de animais (aves, suínos e bovinos), dos quais provinha além da carne, o leite, o queijo, os ovos, o couro, a banha e os embutidos, como salame, chouriços, mortadelas e salsichas. Os bovinos auxiliavam no trabalho agrícola, já que eram usados para puxar carroças, arados e arrastar toras.

Dentre as atividades mais rentáveis e fundamentais numa propriedade rural estavam a produção de milho e de suínos. O milho era usado para fazer a farinha, da qual eram produzidos pão de milho, polenta, quixerinha e canjica. Também era usado como alimento para animais, e o excedente era comercialização nas casas comerciais da época.

A criação de suínos consistiu num importante fator de desenvolvimento econômico, pois havia demanda de consumo de derivados tais como banha e salame que, de acordo com relatos de Albano Gilioli (1967), eram comercializados na região de Joaçaba-SC.



Eu lembro que carneava tudo em casa e vendia a banha. E os porcos não se vendia naquele tempo. Não tinha frigorífico, essas coisas [...] Se fazia o salame. Já pensou? 18, 20 porcos, matar tudo em casa, fazer salame... Metade do [espaço do] porão [ocupada com] salame!
(Oliva Capelezzo Mezzalira)

Pesquise mais!

Você já ouviu falar em Armazém de Secos e Molhados? Que tal pesquisar e descobrir mais sobre o funcionamento do comércio de antigamente? Pergunte a alguém mais velho como eram as vendas, em que consistiam os armazéns, as razões da expressão “secos e molhados”, que tipos de produtos eram comercializados, como funcionavam os pagamentos... Depois, combine com sua turma uma visita ao Museu, para conferir de perto uma representação do histórico armazém da família Aumondi.

3.1 Na Linha Lageado Bonito: parada, encontro, comércio e armazém de secos e molhados



Vista do armazém, na Linha Lageado Bonito. Foto: Acervo Museu Histórico de Caxambu do Sul.

No cenário da segunda década do século XX, destacaram-se em toda a região oeste as casas de comércio das comunidades rurais e nas vilas urbanas em formação.

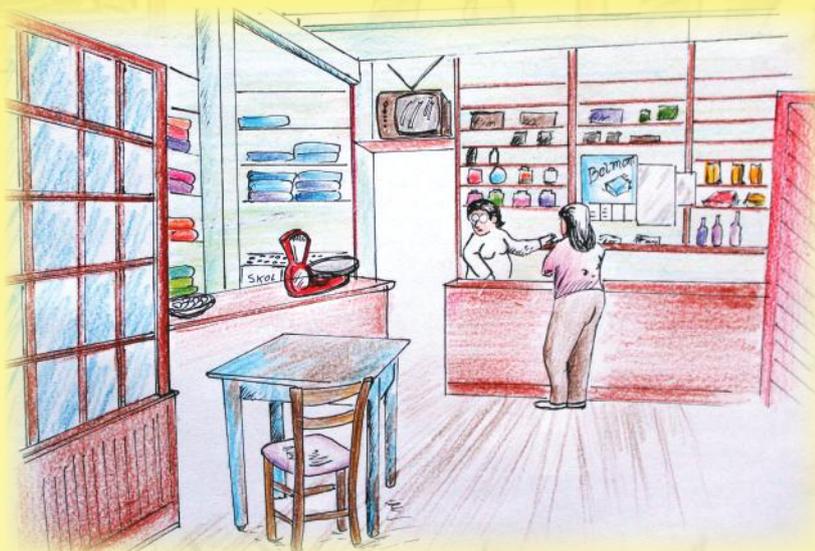
A residência datada do início da década de 1950, foi residência e casa de comércio, idealizada pela família de Luiz Rossatto. A construção utilizou madeira cerrada oriunda das serrarias da localidade. A casa possuía três andares: porão, na parte de cima havia cozinha, sala, comércio e alguns quartos; no sótão havia mais quartos e um pequeno espaço entre eles.

Sua localização estratégica na Linha Lageado Bonito, Caxambu do Sul, no acesso da única estrada que, na época interligava Rio Grande do Sul com Santa Catarina e Chapecó, permitiu que o local fosse ponto de referência, de encontro e de comércio durante décadas.

O acesso à Chapecó era somente aquele. Nós tínhamos ônibus a cada hora [...] Tinha que passar pela casa, então as pessoas paravam pra descansar, pra comprar. (Inês Marlene Basso)

Desde São Miguel do Oeste, Dionísio Cerqueira, quem quisesse ir a Florianópolis, saindo do oeste, tinha que passar por esse lugar. Não tinha acesso por Pinhalzinho, Nova Erechim, Planalto Alegre, como tem hoje. Todos tinham que passar pelo Lageado Bonito e passavam por essa casa. (Vilmar Foppa)

A comunidade Lageado Bonito era uma das mais populosas de Caxambu do Sul e, a maioria dos entrevistados e moradores da localidade, relembram as histórias que aconteciam no armazém de secos e molhados. Nos primeiros tempos, a bodegueira era Dona Alice famosa pela capacidade de gestão e administração à frente do negócio da família. Com o falecimento de Dona Alice, o filho mais jovem do primeiro casamento, Liduino Aumondi assume a direção do estabelecimento.



A Dona Alice atendia as pessoas com o cigarro na boca, era uma negociante. Ela tinha o dom pra isso! (Gertruds Aumondi)

A mulher à frente do Armazém Aumondi chamava-se Alice Faccin. Nascida numa família de descendentes de italianos, era chamada carinhosamente de “*Alitchi*”, que é a pronúncia no dialeto italiano da região para o nome Alice. Do casamento com Albino Aumondi nasceram os filhos Delmi, Anita, Geni e Liduino. Ao enviuvar, casou-se com Luiz Rossatto, donde nasceram Eloir, Wilma e Nair.

Saiba
mais!

O pai, [Liduino Aumondi] passou a vida toda aqui dentro, depois que a vó faleceu, ele assumiu o comércio e passou a vida toda aqui dentro dessa casa. Ele queria sempre gente! Ele se criou na casa no meio das pessoas, sempre com gente. Era um bar, era difícil não ter alguém aqui com violão ou gaita, pois a casa era um local de encontro. A casa era um local que durante a semana, era a única Bodega que funcionava. Era um local de comércio e de encontro das pessoas. (André Luiz Aumondi)

Nós vendia galinha, ovos, queijo tudo que tinha... e em troca nós pegava de tudo lá: alimentos, bebidas, tecidos, confecções – roupas intimas, tecidos em metro. (Dirlei Rossetto)

Manter um armazém naquela época não era uma tarefa fácil. Como o dinheiro dos clientes dependia da venda de seus próprios produtos, ao realizar compras no armazém, era frequente a prática de “anotar a conta na *caderneta*” para pagamento posterior. A quitação da dívida poderia ser em dinheiro ou mediante troca de produtos.

A chaleira pro chimarrão, sempre estava em cima do balcão, se tomava chimarrão na venda. Na época se dizia Bodega [...] e tinha de tudo lá: tinha de tudo: loja, alimentos, tecidos, bebida, jogatina. Eles tinham umas caixinhas na parede, onde guardavam o baralho e em baixo do balcão gavetas onde era o dinheiro [...] (Dirlei Rossetto)

No amanhecer a casa era aberta, assim que a família acordava. Não tinha horário pra fechar, o ritmo do horário era dirigido pela demanda da comunidade. (Gertruds Aumondi)

3.2.1 Uma casa, muitas histórias e algumas *andanças* por Caxambu

O armazém de secos e molhados atendeu a localidade por mais de cinquenta anos, como expectador das mais diversas expressões do dia-a-dia e dos distintos contextos sociais, econômicos e políticos da segunda metade do século XX.

Os anos foram passando e a paisagem se modificando no cenário em que era comum, o galo cantar de manhãzinha, o gato se espreguiçar debaixo do fogão à lenha, a água aquecer na chaleira posta ao fogo para preparar o chimarrão na residência familiar, ponto de comércio, estação rodoviária, local de encontro e sociabilidade.

Com o passar dos anos, os tecidos em metro foram sendo substituídos pelas roupas pré-fabricadas, acessórios, cosméticos, produtos de higiene e beleza. As sacas de produtos a granel aos poucos se tornaram embalagens de um, dois e cinco quilos e os frequentadores do local já eram os filhos e netos dos primeiros clientes do armazém.



Vista da antiga área da casa, já alagada pelo reservatório da UHE Foz do Chapecó. Foto: Acervo Museu Histórico de Caxambu do Sul

O estabelecimento comercial teve as atividades encerradas no ano de 2005, em função das negociações para instalação da barragem Foz do Rio Chapecó, cujo lago afetou várias comunidades rurais do município de Caxambu do Sul. Por ser uma das poucas residências que conservava traços culturais na arquitetura, era um local de encontro, sociabilidade e um espaço que representava aspectos socioculturais e históricos do município, somado a manifestação positiva de doar, manifestada pela família, foi consenso da administração pública e da comunidade, realocar a casa para a cidade, com o objetivo de transformá-la em Museu Municipal.

A realocação da casa para o espaço onde atualmente abre as portas como museu, ocorreu em março de 2010. O terreno, cedido pela Prefeitura Municipal de Caxambu do Sul, localiza-se no centro da cidade, próximo à rodoviária municipal e o espaço foi readequado para acomodar as memórias e as histórias da comunidade de Caxambu do Sul.



Translado da Casa Aumondi. Foto: Acervo Museu Histórico de Caxambu do Sul

A casa foi testemunha de muita coisa de casos, histórias, brincadeiras, brigas e relações de sociabilidade da comunidade. (André Luiz Aumondi)

Na época eu era vice-prefeito, e houve a discussão sobre o que o município iria receber da empresa responsável pela construção da foz do Rio Chapecó – rede de água, estradas, área de terra e uma casa, que deu origem ao museu. Essa casa era uma das mais antigas, dos moradores atingidos, era uma bodega. Onde todos passavam por ai, era ponto de ônibus [...] tinha uma história que envolvia a comunidade, os visitantes e viajantes que passavam pelo local. (Vilmar Foppa)

Você sabia?

Os primeiros estudos tendo como finalidade um inventário hidroenergético da região sul datam o ano de 1966. Na década seguinte (1970), a Eletrosul Centrais Elétricas S.A iniciaram os processos de aproveitamento do potencial energético do rio Uruguai por meio da instalação de usinas hidroelétricas (UHE). Nesse cenário que foi construída a UHE Foz do Chapecó, tendo afetado 13 municípios entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (VARGAS; HASS; AMPOLINI, 2013).

Os municípios atingidos, do lado catarinense: Águas de Chapecó, Caxambu do Sul, Guatambu, Chapecó, Paial e Itá. Do lado riograndense: Alpestre, Rio dos Índios, Nonoai, Faxinalzinho, Erval, Barra do Rio Azul, Itatiba do Sul e Faxinalzinho.

Em Caxambu do Sul, o reservatório da UHE Foz do Chapecó abrange a área aproximada de 7,89 quilômetros quadrados. A área corresponde a 239 propriedades e 5.51% do território do município. Em decorrência da instalação da hidrelétrica, muitas famílias foram forçadas a mudar de localidade e, até mesmo para outros municípios (ONGHERO, 2008).

Saiba
mais!

Para pensar!

Embora as hidroelétricas, tais como a UHE Foz do Chapecó, façam parte de uma estratégia nacional de desenvolvimento econômico, são ponto de conflito pela complexidade dos impactos sociais, ambientais e mudanças impostas às populações atingidas. Esses conflitos têm raízes na pouca participação popular para sua construção, somados às desapropriações de terras e, ainda, a perda do usufruto dos rios que serviam à pesca, lazer e ponto de referência na vida das comunidades.

Como a maioria dos municípios da bacia do rio Uruguai tem no setor agrícola sua principal fonte de renda, com a formação dos reservatórios da UHE, áreas produtivas são afetadas. Da mesma forma, as comunidades sofrem os impactos sociais e culturais decorrentes desse processo. No aspecto ambiental, o barramento de rios, além de inundar importantes áreas às margens, gera um desequilíbrio ambiental completo na fauna, principalmente, na migração de peixes nativos que não conseguem fazer a desova no período da piracema devido aos barramentos e à qualidade da água represada (BARON; RENK, 2012).



IV O MUSEU HISTÓRICO DE CAXAMBU NO CONTEXTO REGIONAL

4.1 Para que servem os museus?

O Museu Histórico de Caxambu do Sul é um sonho antigo da comunidade. Constituir um novo museu é um processo que, além de demandar vontade política, precisa estar sintonizado com a memória e os afetos da comunidade em que se insere e em consonância com a legislação e orientações técnicas vigentes. Por isso, o processo de criação desse museu priorizou estratégias capazes de estimular a valorização e o reconhecimento das identidades da comunidade.



Vista lateral da Casa Aumondi, edificação que abriga o Museu Histórico de Caxambu do Sul. Foto: Acervo Catavento Produção Cultural, 2015.

O museu é uma casa de criação onde se preserva a memória de uma cidade, de um país, de uma pessoa, enfim é o lugar de histórias interessantes que nos faz viajar no tempo. Mas, apesar de contar histórias que já aconteceram, o Museu é o lugar para pensarmos o presente e refletirmos sobre o nosso tempo. Quando visitamos um museu podemos pensar, por exemplo, na mudança dos objetos. [...] Pensem, também na evolução urbana, como viviam nossos antepassados? E hoje, como vivemos?

[...] Em todo o mundo existem museus e eles recebem diferentes nomes, que variam em função do tipo de coleção que eles apresentam. Assim, temos os museus históricos, os museus de ciências, os museus de arte, os ecomuseus, as cidades museus, e, como o museu não deixa de acompanhar a mudança dos tempos, temos, também, os museus virtuais.⁶

4.2 A quantas mãos se faz um museu? A implantação do Museu de Caxambu do Sul

Para implantação de um museu local são necessárias algumas etapas⁷:

- Decisão da comunidade e das autoridades públicas, para criar a instituição museológica, estabelecendo o conceito e objetivos do museu;
- A escolha do local (território ou edificação);
- A designação de equipe multidisciplinar de especialistas, para definir as ações de preservação e comunicação do museu;
- A definição do museu e a elaboração do plano museológico que definirá o perfil da instituição e dos tipos de atividades: projeto sociomuseológico e expositivo, projeto dos equipamentos, da organização-gestão, entre outros.

⁶ Adaptado do Portal “Para Crianças” da Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/paracrianças>

⁷ Baseado em Cândido Duarte, 2013.

No Museu Histórico de Caxambu do Sul, essas etapas reunidas somam uma caminhada de pelo menos cinco anos, desde a realocação da edificação, adequação e, finalmente, com a aprovação do Projeto “Implantação do Museu Histórico de Caxambu do Sul” no Edital Mais Museus do IBRAM/MinC, a conclusão dos trabalhos que culminam com a abertura do museu à comunidade.

O **Plano Museológico** é o documento norteador das ações do Museu. Trata-se de uma ferramenta de planejamento estratégico, capaz de orientar a gestão da instituição quanto às políticas, estratégias e ações para a continuidade do trabalho. De acordo com a Lei 11.904/2009, conhecida como “Estatuto dos Museus”, o Plano Museológico é obrigatório. Trata-se de documento público e você pode consultá-lo, na sede do Museu a qualquer tempo.⁸

Saiba
mais!



Oficina de formação para Comissão de Acervos e Equipe do Museu. Março, 2015. Foto: Acervo Catavento Produção Cultural.

Em Caxambu do Sul, a elaboração do Plano Museológico para o Museu Histórico foi um processo que contou com encontros entre a equipe da empresa Catavento, a equipe designada pela Prefeitura Municipal, para acompanhar o desenvolvimento do trabalho, e a comunidade. Os trabalhos começaram em meados de 2014 e só foram concluídos ao final do processo de implantação do Museu, em agosto de 2015.

Um dos destaques do Plano Museológico de Caxambu do Sul é sua missão, definida coletivamente:

“Promover o conhecimento e a reflexão sobre a história do município de Caxambu do Sul, por meio da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob a guarda do museu, visando principalmente a democratização do acesso a este patrimônio.”

Dessa forma, atribui-se aos museus diferentes papéis na sociedade, direcionados aos campos cultural e educacional, assim como o de valores patrimoniais. Ao mesmo tempo em que deve conservar, também deve permitir a comunicação entre o público e o acervo, possibilitando a construção do conhecimento.



Trabalho de implantação do projeto expográfico do Museu Histórico de Caxambu do Sul. Foto: Acervo Catavento Produção Cultural.

⁸ De acordo com o artigo 45 da Lei Federal 11.904/2009 (Estatuto de Museus).

4.3. O que é patrimônio cultural? Um museu a serviço da memória

Sempre ouvimos dizer que o Brasil possui muitas riquezas mas, em geral, ao nos reportarmos às riquezas de uma região, imaginamos indústrias, bens passíveis de compra e venda, e uma medição da economia apenas pelos recursos financeiros.

Acontece que há outras riquezas tão significativas quanto a econômica. O patrimônio cultural de uma região é um desses bens significativos. E como cada região possui características muito próprias, representadas por tradições, memórias, valores e costumes que pertencem apenas àquela comunidade. A soma dessas qualidades únicas é que constitui o patrimônio cultural da região de Caxambu do Sul. A relação da comunidade com o Rio Uruguai, as memórias sobre o processo de colonização, a riqueza da culinária que mescla sabores de origem italiana, cabocla, indígena, alemã, a beleza das paisagens, a arquitetura local, os sotaques, as histórias e causos... tudo isso é parte do patrimônio cultural da comunidade.

Muito das memórias que guardamos são ativadas por objetos antigos, fotografias, histórias que ouvimos. É essa a conexão entre a comunidade e o Museu Histórico: mais que um espaço para guardar objetos antigos, as atividades cotidianas do Museu buscam integrar as memórias de cada um com a memória coletiva, estimular novos olhares, promover trocas, valorizar sensibilidades e conectar gerações. Por essa razão, o dinamismo do Museu está condicionado à sua participação nas atividades, nas pesquisas, nos inventários, nas exposições e produções que virão, ao longo do tempo, para somar às memórias que evocamos hoje, no momento da abertura desse espaço aos cidadãos de Caxambu. Entre, use, aproprie-se, pois o museu é seu, é nosso, é de todos!

4.4 Quem ganha com a valorização do nosso patrimônio? Um agradecimento coletivo

Essa casa, que foi habitação familiar, comércio e agora é museu, carrega em suas paredes e linhas arquitetônicas muito mais do que a história que se pode ver “a olho nu”, cada pedaço de madeira ali colocada é resquício de uma história que começou ainda antes de sua construção. A escolha do modelo arquitetônico e dos materiais utilizados para a construção retrata um momento histórico muito específico do oeste catarinense, que exalta a presença de migrantes (principalmente das etnias italiana e alemã) vindos do estado do Rio Grande do Sul e suas referências estéticas e de estilo de vida.

A história materializada num patrimônio edificado é cenário para nossas lembranças mais ocultas e dá sustentação ao senso de pertencimento ao local, ao reconhecimento do ambiente no qual estamos inseridos, e mais do que isso, torna-se material pedagógico e cultural para revelar às gerações futuras, o modo de ser e fazer dos antepassados.

Resgatar as memórias desse patrimônio, permeado por reflexões e reconstruções adaptadas ao momento atual, permite o entendimento da identidade coletiva dessas gerações, como também, o reconhecimento de suas próprias raízes. Essa é uma tarefa das mais árduas e belas, que tão bem qualificam e concretizam a missão desse museu.

Agradecemos aos colaboradores do Museu: gestores, parceiros, visitantes, pesquisadores, professores, estudantes e, sobretudo, aos narradores de histórias e causos que tornaram viva a memória da casa, objetos, documentos e fotografias que foram salvaguardados pelo Museu.

Vocês, as comunidades locais e regionais são a razão da existência do Museu!

REFERÊNCIAS

ARGENTA, Denise et al. *Onde Nasce Nossa Identidade*. Cartilha de apoio didático do projeto Registrando saberes: o Palavreado, as crenças e as tradições relacionadas à cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2012.

_____. *50 Anos depois*. Inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2014.

BARON, Sadi; RENK, Arlene. UHE Foz do Chapecó: Estratégias dos agentes envolvidos e o desenvolvimento regional. *Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento*, v.1, n. 1, p. 114-125, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://rbpd.ct.utfpr.edu.br/index.php/rbgpd/article/viewFile/23/11>. Acesso em : 19 de abril de 2015.

BLEIL, Susana I. O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. *Revista Cadernos de Debate*, Campinas/SP, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, v. 6, p. 1-25, 1998.

BRASIL. Lei Federal 11.904/2009 - Estatuto dos Museus. Brasília/DF, 14 de janeiro de 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 06 de junho de 2015.

CHIARELLO, Marcelino. *Etnicidade e constituição dos brasileiros em Caxambu do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso em História, 1998. Chapecó, SC: Unoesc, 1998.

COSTA, Rovilho. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre/Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides/Universidade de Caxias do Sul, 1976.

CORREA, Jussara Odete; ZAMONER, Zuleika. *Permanências, rupturas e reelaborações culturais – uma análise do cotidiano das mulheres italianas, em Caxambu do Sul, nas décadas de 1930-1960*. Trabalho de Conclusão de Curso em História, 1999. Chapecó, SC: Unoesc, 1999.

DUARTE, Cândido M. M. *Gestão de museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

GILIOLI, Albano. *História de Caxambu do Sul*. Caxambu do Sul, 1967.

MACHADO, Paulo P. *Lideranças do Contestado*. Campinas/SP: Unicamp, 2004.

MARCON, Telmo. *História, memória e cultura*. Chapecó: Argos, 2003.

MELLO, Wilma Albina Rossatto de. *Caxambu do Sul: “Lembranças daqueles tempos”*. Monografia de Especialização em História e Museologia, 1997. Chapecó, SC: Unoesc, 1997.

MINETTO, Maria Mercedes. *Caxambu do Sul um passado lindo*. Caxambu do Sul, SC: Minuano Impressões, 1987.

NODARI, Eunice Sueli. *Etnicidades Renegociadas*. Práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

ONGHERO, André Luiz. *Patrimônio, Escola, Comunidade: Caxambu do Sul*. 2008. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/560/389>. Acesso em 20 de abril de 2015.

_____. Colonização e constituição do espaço rural no oeste de Santa Catarina. *XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Natal, RN, julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364480403_ARQUIVO_AndreLuizOngheroartigoANPUH2013.pdf. Acesso em: 21 de abril de 2015.

PAGELKOPF, Marcos Vinícios. *Pirâmide, tesouro enterrado em Caxambu do Sul - Vestígio Inca no Oeste Catarinense*. Disponível em: <https://www.facebook.com/marcosvinicios.pagelkopf/posts/838883029477762>. Acesso em 02 de maio de 2015.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. *Cadernos do CEOM*. Para uma História do oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó/SC: Unoesc, 1995, p. 71-110.

RENK, Arlene. *A Luta da Erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense*. 2. ed.rev. Chapecó/SC: Argos, 2006.

RODRIGUES, Márcio L. et al. *Arquitetura da Memória: inventário de edificações antigas dos municípios de campo Erê, Cunha Porã, Pinhalzinho, São Carlos e Saudades*. Pinhalzinho: Museu Histórico, 2014.

SALVINI, Carmen Tereza et al. *No quintal da casa de madeira: saberes, fazeres e dizeres dos benzedores e benzedoras do oeste de Santa Catarina*. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico, 2013

SILVA, René Marc da Costa. *Cultura Popular, Linguagens Artísticas e Educação*. In: _____. *Cultura Popular e Educação*. Salto para o futuro. Brasília: SEED/MEC, 2008.

TEDESCO, João Carlos. Artesanato como expressão de um sistema de autarquia econômico-familiar no meio rural: subsídios para uma história econômica regional. *Revista Teoria e Evidência Econômica*, Passo Fundo/RS, v. 14, p. 221-246, 2006.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. *Festas e saberes: artesanato, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo/RS: Méritos Editora, 2007.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

UNESCO. *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais*. 2007. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/imaes/0015/001502/150224por.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

VARGAS, Myriam Aldana; HASS, Mônica; AMPOLINI, Geverson. Conflitos sociais e consensos no processo de construção da usina hidrelétrica Foz do Chapecó. *Novos Cadernos NAEA*, v. 16, n. 2, p. 149-168, dez. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/viewFile/1246/1860>. Acesso em: 17 de abril de 2015.

VICENZI, Renilda. *Mito e história na colonização do Oeste Catarinense*. Chapecó/SC: Editora Argos, 2008.

WERLANG, Alceu Antônio. *Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense*. A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó/SC: Argos, 2006.

Entrevistados

AUMONDI, Gertruds. *Entrevista concedida à Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini*. Caxambu, SC, 09 de fevereiro de 2015.

AUMONDI, André Luiz. *Entrevista concedida à Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini*. Caxambu, SC, 09 de fevereiro de 2015.

BASSO, Inês Marlene. *Entrevista concedida à Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini*. Caxambu, SC, 09 de fevereiro de 2015.

CECCON, Valdecir. *Entrevista concedida a André Luiz Onghero*. PEC – Caxambu do Sul – CEOM, 2008.

CODOGNO, Olga B. *Entrevista concedida à Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini*. Caxambu, 15 de dezembro de 2014.

FOPPA, Vilmar. *Entrevista concedida à Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini*. Caxambu, SC, 09 de fevereiro de 2015.

MEZZALIRA, Olivia Capelezzo. *Entrevista concedida à André Luiz Onghero*. PEC – Caxambu do Sul – CEOM, 2008.

ROSSETTO, Dirlei Terezinha. *Entrevista concedida à Fernanda Ben e Carmen Tereza Salvini*. Caxambu, SC, 15 de dezembro de 2014.

